

## ECONOMIA CRIATIVA

### Instrumentos de trabalho

Para encarar os palcos e as apresentações, os passistas investem cerca de R\$ 1 mil em sombrinhas específicas de frevo, figurinos e calçados. O bailarino Eliseu Nascimento conta que o material precisa ser resistente para aguentar o pique das apresentações. “A gente investe um valor alto para garantir segurança e conforto. Tudo precisa ser muito forte para segurar os passos e a rotina pesada. Tem dias que a gente dança mais de cinco vezes, então tem que ter uma durabilidade boa”, diz.

O estilista Elvis Ferreira, 39, tem uma larga experiência com figurinos de passistas e conta que as indumentárias, além de resistentes, precisam expressar a alegria do carnaval de Pernambuco. É no atelier equipado na Rua 2 de Fevereiro, no Morro da Conceição, que o profissional cria centenas de roupas carnavalescas. “O figurino precisa ser alegre e transmitir fervor. Antes do passista dançar, ele tem que falar por si. Além do brilho, precisamos pensar em um tecido duradouro e maleável. Os que a gente produz aqui duram mais de 10 anos. Atualmente, utilizamos muito o veludo com elastano, que permite flexibilidade e força”, explica.

As peças são produzidas artesanalmente e levam aproximadamente 20 dias para ficarem prontas. Elas custam entre R\$ 300 e R\$ 500. “Depende muito do bordado, do material e das aplicações. Usamos centenas de pedrarias. É uma produção cara, que envolve muitas pessoas”, diz o artesão.

O calçado mais popular do bailarino de frevo é o tênis Rainha, utilizado também em diversos esportes como vôlei, capoeira e futsal. Recentemente, a marca lançou uma linha especial de frevo. O produto conta com arte assinada pelo artista plástico brasileiro Sancler Graffit. “O Rainha Frevo captura o ritmo frenético, dessincronizado, lento e rápido da vida brasileira, assim como o frevo. O modelo é uma homenagem à marca genuinamente brasileira, que foi escolhida para fazer parte da cultura do frevo”, conta o artista plástico.

A sombrinha de frevo do passista é diferente das “made in china”, produtos importados que o grande público encontra em feiras

Vitória Ramos /Cortesia



**Elvis Ferreira já produziu centenas de peças para passistas, artistas e outros brincantes**

Reprodução/Instagram



**Wilson Aguiar criou o protótipo da sombrinha de frevo mais resistente do mercado**

e comércios durante o carnaval. Elas são mais resistentes, pesam aproximadamente 1 kg e custam entre R\$ 120 e R\$ 330. São produzidas artesanalmente e pensadas para atender às necessidades dos profissionais. Quanto mais resistente, mais cara. “A sombrinha do passista precisa ter uma boa resistência, maleabilidade e uma ergonomia voltada para os movimentos da dança, tanto do ponto de vista de manuseio quanto de acompanhar as firulas que o passista faz no momento de suas performances”, explica o engenheiro e mestre de frevo Wilson Aguiar, do Brincantes das Ladeiras.

Wilson é um dos principais nomes quando o assunto é produção de sombrinhas. Em 2015, o artista criou um modelo específico para o profissional do passo. “Já era um projeto que eu tinha

guardado e assim que o frevo foi reconhecido como patrimônio cultural, fiz o primeiro protótipo como homenagem ao ritmo e aos tantos passistas que defendem a tradição. A sombrinha tem vida útil de 20 anos, conta com tecnologia biomecânica e aeroespacial. É feita com aço cirúrgico, plásticos de engenharia e cabo antiderrapante. Conta também com amortecedor pneumático”, detalha.

### Remuneração

Existem diversos formatos de contratação dos passistas de frevo. Eles podem se apresentar sozinhos, em duplas ou em grupo. Essas apresentações ocorrem geralmente em palcos, praças e ruas. Os valores variam também se a apresentação será com orquestra ou som mecânica.

@wsfotooficial/Divulgação



**Eliseu Nascimento é bicampeão do Concurso de Passistas da Prefeitura de Recife**

Os cachês do passista tendem a variar entre R\$ 100 e R\$ 500, por aproximadamente 1 hora de apresentação. As contratações costumam ser realizadas como prestação de serviço de Microempreendedor Individual (MEI). Contudo, os profissionais relatam que muitos contratantes resistem pagar pelo serviço porque não compreendem o investimento do profissional da dança.

Eliseu Nascimento revela que, às vezes, prefere não topar o trabalho a se submeter a cachês precários. “Muitos não querem pagar o valor que a gente cobra. Eles não enxergam o nosso preparo e a nossa bagagem de experiência. Mesmo comprovando a trajetória, mostrando vídeos, fotos, portfólio cultural e as competências, ainda querem pagar pouco”, comenta.

Fia Cachinhos conta que já passou pela mesma situação: “Quando a gente estipula o valor do serviço, eles falam que não tinham essa proposta em mente. Isso entristece muito. Quando eu dou o meu valor, equivale ao meu trabalho e à minha dedicação. É uma desvalorização da nossa arte”.

A professora Bruna Renata completa: “Tem muita gente que acha caro, mas temos que valorizar o nosso trabalho. Da minha parte, eu faço isso: se a pessoa falar que não concorda ou que está muito caro para o orçamento, eu não assumo. A gente investe em educação, corpo, academia, resistência, figurino e tempo para poder ter esse retorno financeiro. É o reconhecimento do nosso trabalho.”

### Alternativas

Em busca de alternativas para financiamento de projetos maiores, muitos passistas buscam se especializar em produção cultural para subsidiar espetáculos e formações através de editais. O professor Júnior Viégas, por exemplo, teve o projeto Frevo On-Line aprovado em dois editais, o da Lei Aldir Blanc e o da Lei Paulo Gustavo. O projeto tem como objetivo difundir e valorizar cada vez mais o frevo através de aulas em plataformas digitais.

“Eu dou aula o ano inteiro como carteira assinada, porém, enquanto bailarino, preciso participar de editais de incentivo à cultura. Dessa maneira, a gente ganha financiamento para projetos culturais. Não é fácil, a disputa é grande e nem todos os grupos conseguem”, conta Júnior.

Para viver de arte, os bailarinos também participam de concursos. O mais prestigiado é o promovido pela Prefeitura de Recife. Na disputa, os candidatos são avaliados em harmonia e diversidade de movimentos. Neste ano, o concurso ocorreu no Pátio de São Pedro, no centro de Recife, nos dias 25 e 26 de janeiro.

O bailarino Eliseu Nascimento levou a melhor e se consagrou bicampeão da categoria adulto. “Eu fiquei muito feliz em ter ganhado. Não é só um concurso, é uma forma de mostrar o nosso trabalho e o nosso esforço durante o ano. Na questão financeira, também ajuda muito. É muito gratificante. Agradeço muito a Deus e à cultura por me proporcionar tantas alegrias”, comemora.